

LEITURA, COMUNICAÇÃO E HIPERTEXTO

Karl Elliot Rezende¹

RESUMO: A utilização das tecnologias de comunicação, ocorrida nos últimos anos da década de 80, marcada fundamentalmente pelo aperfeiçoamento dos microprocessadores, pelo uso da fibra óptica e pela digitalização da informação, mudaram as condições de produção e distribuição de conhecimento. Este artigo traz uma reflexão sobre os conceitos de leitura e comunicação, traçando um paralelo com os recursos oferecidos pelas novas tecnologias, em especial as redes informáticas.

PALAVRAS-CHAVE: leitura, comunicação, internet, novas tecnologias.

ABSTRACT: *The use of communications technologies, which occurred in recent 80th, marked primarily by the improvement of microprocessors, the use of optical fiber and the digitization of information, have changed the conditions of production and distribution of knowledge. This article provides a reflection on the concepts of reading and communication, tracing a parallel with the resources offered by new technologies, especially those networks.*

KEYWORDS: *reading, communication, Internet, new technologies*

INTRODUÇÃO

A Internet foi o meio de comunicação que mais rapidamente se expandiu no mundo. As tecnologias de informação e comunicação na Internet disponibilizam o acervo de bibliotecas digitais e virtuais, expandindo, desta forma, os limites do ensino e da pesquisa, bem como inova as possibilidades de comunicação entre as pessoas.

A leitura, processo intrinsecamente ligado à escrita, faz parte do desenvolvimento humano. Além disso, aglomera aspectos ideológicos, culturais e filosóficos que irão compor o pensamento humano exigindo, conseqüentemente, uma posição crítica do “ser” leitor. Ao utilizar as novas tecnologias como instrumentos de leitura, o “ser” leitor vê a

¹ Graduado em Letras pela UniSantos e Mestre em Tecnologias da Comunicação por *Melbourne Language Institute- Austrália*

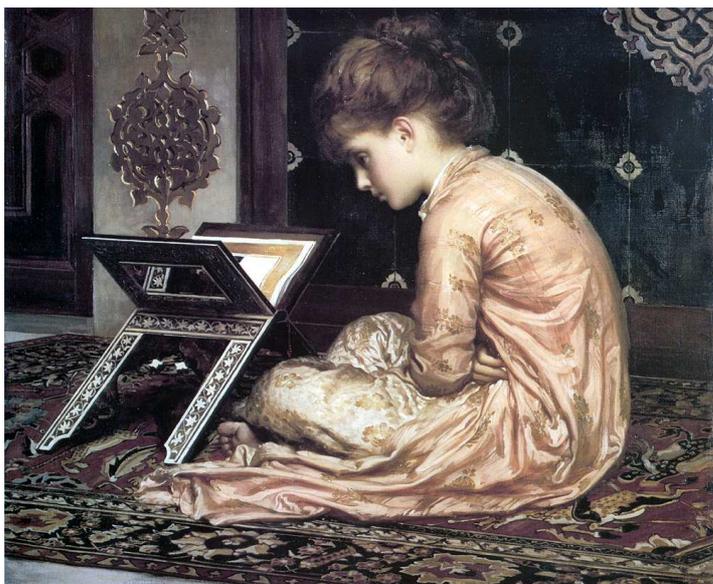
plenitude de sua co-construção textual ativa, interagindo na construção dos sentidos do texto.

A leitura, infelizmente, está longe de ocupar o espaço que deveria na vida da população brasileira. As raízes do desinteresse do brasileiro são oriundas da colonização portuguesa, a qual não favorecia qualquer desenvolvimento cultural em nossas colônias. O professor brasileiro continua sendo uma peça-chave no incentivo à leitura, agora com novas possibilidades de interação.

Infelizmente, contudo, o professor, ao usar textos em aula para a gramática e para interpretação de texto, afasta o aluno da leitura. A leitura obrigatória, imposta pelos professores, é cobrada e avaliada por meio de provas ou fichas de leitura, método esse reprovado por ir contra todo o processo educacional moderno. Com certeza, esse tipo de avaliação afasta o aluno da leitura. Ao fazer isso, o mestre quer ministrar dois conteúdos em uma única vez; no entanto, entedia o aluno com um aula técnica e abundante em regras.

A leitura deve ser prazerosa. E nada mais instigante para o leitor jovem do que a utilização das novas tecnologias.

DO CONCEITO DE LEITURA



A primeira coisa que nos vem à mente quando pensamos em leitura é uma pessoa lendo um livro, um jornal, uma revista. Uma pessoa que gosta de ler é a pessoa que “vive lendo” livros, revistas, gibis, entre outros. Mas essas concepções são primárias, não vão além da palavra escrita. E isso não é o suficiente para que entendamos o sentido da palavra

leitura. E o que vem além da escrita? E quando usamos expressões do tipo “ler a mente”, “ler os olhos”, “ler o tempo”, “ler a mão”, ou “fazer a leitura de um gesto”?

Como diz Maria Helena Martins, “às vezes passamos anos vendo objetos comuns, um vaso, um cinzeiro, sem jamais tê-los de fato enxergado; limitamo-los à sua função decorativa ou utilitária. Um dia, por motivos os mais diversos, nos encontramos diante de um deles como se fosse algo totalmente novo. O formato, a cor, a figura que representa, seu conteúdo passam a ter sentido, a fazer sentido para nós. Só então se estabeleceu uma ligação afetiva entre nós e esse objeto.” Dizemos então que demos um novo significado a esse objeto através de uma nova leitura.

Aprendemos a ler “o mundo” desde pequenos. Aprendemos a ler lendo, a partir de nosso contexto pessoal. E temos que valorizá-lo para ir além dele. A psicanálise enfatiza que tudo quanto de fato impressionou a nossa mente jamais é esquecido, mesmo que permaneça muito tempo na obscuridade do inconsciente.

Ler, então, é muito mais do que decodificar palavras. Ler é descobrir o mistério que as coisas guardam, sua história, suas ligações – relações que são reveladas assim que delas nos aproximamos com curiosidade e também respeito.

Desvinculando o conceito de leitura ao de escrita, teremos possibilidades infinitas de ampliar nosso raio de “visão” das coisas e do mundo, envolvendo um processo de compreensão abrangente, que engloba componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos.

DO CONCEITO DE COMUNICAÇÃO

Todos escrevemos, falamos, gesticulamos impulsionados pelo desejo de nos comunicar. Trabalhamos diariamente com signos verbais e não-verbais. Eles colaboram não só para o desenvolvimento de nossas funções e expressões intelectuais, mas também no desenvolvimento de funções sociais. A comunicação é o centro do processo. Não é um fenômeno isolado nem contemporâneo. Como atividade humana, é necessário considerá-la integrada aos processos culturais.

Como os meios de comunicação de massa empregam uma sofisticada tecnologia, pode-se ter a falsa idéia de que a comunicação é um fenômeno recente, produto de uma tecnologia contemporânea.

Na realidade, quando encaramos a comunicação numa perspectiva histórica, verificamos que as técnicas se transformaram, mas conteúdos e significados permaneceram os mesmos.

A comunicação é um processo que envolve a troca de informações, e utiliza os sistemas simbólicos como suporte para este fim. Estão envolvidos neste processo uma infinidade de maneiras de se comunicar: duas pessoas tendo uma conversa face-a-face, ou através de gestos com as mãos, mensagens enviadas utilizando



a internet, a fala, a escrita que permitem interagir com as outras pessoas e efetuar algum tipo de troca informacional.

Hoje, é preciso pensar também em novos processos de comunicação, que englobam as redes colaborativas e os sistemas híbridos, que combinam comunicação de massa, comunicação pessoal e comunicação horizontal.

A comunicação humana se desenvolve em diversos campos de diferentes naturezas, dos quais podemos destacar dois enfoque distintos: a comunicação em pequena escala, e a comunicação em larga escala ou comunicação de "massa". Em ambos os casos, o ser humano passou a utilizar utensílios que passaram a auxiliar e a potencializar o processo de produção, envio e recepção das mensagens. A tecnologia passou a fazer parte da comunicação humana, assim como passou a participar da maioria das atividades desenvolvidas pela humanidade ao longo do seu desenvolvimento.

AS NOVAS TECNOLOGIAS

A utilização das tecnologias de comunicação, ocorrida nos últimos anos da década de 80, marcada fundamentalmente pelo aperfeiçoamento dos microprocessadores, pelo uso da fibra óptica e pela digitalização da informação, mudaram as condições de produção e distribuição de conhecimento.

A digitalização, já utilizada na informática mas alargada agora ao audiovisual e às telecomunicações, ao permitir tratar toda a informação como uma série de números, possibilita a compatibilidade entre os diferentes sistemas, quer sejam portadores de voz humana, textos, dados estatísticos, sons e imagens.

A disponibilização de serviços como o teletexto, videotexto, correio eletrônico e videoconferência, são alguns dos exemplos desta política.

A noção de rede é o conceito chave para caracterizar esta fase comunicativa. Passando do âmbito técnico para o social, este conceito significa que estamos perante um universo comunicativo em que tudo está ligado, em que o valor é dado pelo estabelecimento de uma conexão, de uma relação, conhecida como comunicação em ambiente virtual.



A internet tem o poder de visualizar e manipular informações, interagindo com o mundo. Ao alcance da "ponta dos dedos" abre-se um mundo de informações vindas de lugares muito distantes e por tradição fechados, como os grandes arquivos, ao mesmo tempo que lhe permite estar, sem se mover fisicamente, em diferentes lugares. Aqui se estabelece uma rede de conversação onde se trocam reclamações e compromissos, ofertas e promessas, aceitações e recusas, consultas e resoluções. Não transitam, portanto, simples informações, mas aspectos

de comunicação onde o mundo privado da experiência pessoal daqueles que os praticam é projetado no interior do mundo interpessoal e grupal. A Internet está na ponta das novas tecnologias.

Ainda não sabemos como será o futuro. Nem sabemos o quanto isso deverá afetar as gerações vindouras. Mas certamente se trata da mais fascinante das invenções humanas nos últimos séculos. Estamos, literalmente, diante de algo novo e imprevisível. Na esteira dessa invenção, surgiram alguns gêneros textuais que, se não são totalmente novos, trazem desafios para sua compreensão.

Na atual sociedade da informação, a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de leitura e de comportamento comunicativo.

LEITURA, COMUNICAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS.

Entendo leitura enquanto processo de co-produção de sentidos de textos e hipertextos. O hipertexto é uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas; adiciona e condiciona à sua superfície várias formas de textualidade. Na leitura hipertextual, não há linearidade, o leitor tem ampla liberdade de, a um clique, ir diretamente para a página ou local ou imagem ou som que quer “ler”. Essa liberdade de escolha do leitor, porém, parece-me um tanto quanto idealizada, pois quem decide o que colocar e como disponibilizar através dos links são os autores dos hipertextos. Além do mais, essa falta de linearidade na leitura do hipertexto pode perturbar o leitor não acostumado a esse meio, pois ele pode clicar em links indiscriminadamente, perdendo “o fio da leitura”.

Finalizando, a leitura na Internet tende a ser uma leitura sinestésica, pois é muito mais envolvente que qualquer outra vivida em um texto tradicionalmente publicado.

Esse novo tipo de inteligência pressupõe mudanças estruturais dos textos em que os atores da comunicação ou os elementos de uma mensagem constroem ou remodelam "mundos de significação": os hipertextos.

Se definirmos o hipertexto como espaço de percurso para leituras possíveis, o papel desse ator-leitor ganha nova significação. Ao percorrer uma rede pré-estabelecida, ele participa da redação do texto que lê, pois irá escolher os links que vai utilizar, poderá criar novos links que terão um sentido muitas das vezes totalmente diferente daquele pensado pelo criador do hipertexto.



À medida que faz uso das tecnologias hipertextuais, o ator-leitor tende a tornar-se menos passivo diante da mensagem, podendo interferir, modificar, produzir textos inacabados e tornar-se efetivamente seu verdadeiro criador de sentidos.

Sua leitura autônoma atinge a plenitude na medida que o leitor assume a função de co-autor da matriz de textos potenciais, que se apresentam na tela como um "caleidoscópio, transformando cada reinvenção de sua escrita. O leitor inaugura na tela informática "uma nova máquina de ler", na qual a leitura é uma edição, uma montagem singular permeada por uma atualização das significações de um texto.

Concomitantemente, o leitor assume, também, o papel de escritor na medida em que participa da atualização do percurso, ou, pelo menos, da edição do texto que lê, uma vez que determina a sua organização final.



Pode-se observar que a concepção de leitura proposta pelo hipertexto possibilita que o novo sujeito-leitor utilize em seu processo de construção interativa seu modo de pensamento narrativo, proveniente do seu cotidiano, rico em experiências sócio-afetivas, que determinam percepções individuais de mundo. Tendo como base seu modo particular de "ler o mundo", o sujeito-leitor pode aventurar-se na leitura dos possíveis, explorando, no caminho trilhado, suas representações sócio-afetivas, conjugadas a tecnologia do hipertexto.

Este novo enfoque de leitura aponta para a necessidade de refletirmos a respeito do novo paradigma pedagógico que se desvela no âmbito tecnológico, que coloca o leitor na posição central do processamento hipertextual.

A pragmática comunicacional na sala de aula com o hipertexto se modifica pois a lógica do falar/ditar do mestre e da transferência de conhecimentos é substituída pela lógica comunicacional de A com B, mediatizados pela internet.

A leitura do aluno transcende a lógica do receptor passivo diante da linearidade, fragmentação e universalização de conhecimentos, previamente determinados e hierarquicamente transmitidos a partir de registros cientificamente valorizados. Transforma-se em autor ativo, interativo, que, com autonomia de busca da construção de

sentidos sobre uma rede textos, tece o texto que lê, impregnando-o de sua "leitura de mundo" narrativa e sócio-afetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estrutura não-linear da Internet interfere diretamente na forma como os leitores visualizam o mundo e o compreende. Não apenas pelo acesso à palavra, mas a inclusão de fotos, áudio e vídeos, com infinitas possibilidades de navegação, influencia diretamente o leitor (principalmente o jovem) e altera inclusive o sistema linear de ensino das escolas.

A divisão de conteúdos em disciplinas estanques e isoladas afasta o interesse dos leitores ávidos por uma hipertextualidade presente em suas vidas. Como comprovação disto, basta verificar como as séries de livros que possuem "trilogias" (O Senhor dos Anéis) ou mesmo "seqüências" (Harry Potter) influenciam e instigam o pensamento leitor.

Com a Internet, os novos leitores podem escrever e interagir numa velocidade inédita, participando ativamente da construção do texto que passa a ser, não raras vezes, coletivo.

Devemos, pois tentar "linkar" cada vez mais estreitamente os laços entre a Escola, Leitura(s) e as novas tecnologias para acompanharmos a evolução do pensamento leitor das gerações que agora nos chegam já hipertextualizadas.

BIBLIOGRAFIA

AGUILERA, C., *Historia de la Comunicación y la Prensa*, Ed. Atlas, Madrid, 1998

AMENTA, Navarro. *Redes y comunicaciones eletronicas. Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales*, 1996.

[Disponível em: <http://lanic.unic.texas.edu/la/region/networking/clacsoman.html> Acesso em: 19 fev. 2002.]

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael e GAGNÉ, Gilles. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa.* Brasília: MEC, 1997.

FERREIRO, Emília. PALACIO, Margarita Gomes. Os Processos de Leitura e Escrita: novas perspectivas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FOUCAMBERT, J. A Leitura em Questão. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 33ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes prévios à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KATZ, Elihu and PAUL F. Lazarsfeld. Personal Influence; the Part Played by People in the Flow of Mass Communication. Free Press, 1955.

KLEIMAN, A. B. (org.) Os Significados do Letramento. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, Ingedore Guinfeld Vilhaça. Argumentação e linguagem. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCONDES, C. H.; GOMES, S. L. K. O Impacto da Internet nas Bibliotecas Brasileiras. Transinformação. v.9, n.2, p. 57-68, mai./ago.1997.

MARTINS, Maria Helena. O que é Leitura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

NEVES. Iara Conceição Bitencourt et al (Orgs). Ler e escrever: Compromisso de todas as áreas. 4 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade do Rio Grande do Sul. (1997).

RAMOS PADILLA, C.G., La comunicación. Un punto de vista organizacional. Editorial Trillas, México, 1991.

RODA DE CONVERSA: “Leitura e escrita na escola podem ser livres?” Presença Pedagógica. Belo Horizonte: Dimensão. V.II, nº.66, p.5-19, nov./dez. 2005.